Lingüística
Vol. 27, junio 2012: 18-46
ISSN 2079-312X en línea
ISSN 1132-0214 impresa

A PALATALIZAÇÃO NA DIACRONIA DO PB: O SURGIMENTO DOS SEGMENTOS PALATAIS À LUZ DE TEORIA FONOLÓGICA

Palatalization in the BP diachrony: the emergence of palatal segments in the light of a phonological theory

Aline Neuschrank
Universidade Católica de Pelotas
alineneuschrank@yahoo.com.br

Carmen Lúcia Barreto Matzenauer
Universidade Católica de Pelotas
carmenluc@terra.com.br

Este artigo traz uma análise que contempla a evolução histórica das consoantes latinas que originaram os segmentos palatais do português brasileiro. Com o apoio dos pressupostos da Teoria Autossegmental e da Teoria da Sílaba, é possível evidenciar a naturalidade do processo evolutivo do PB, considerando-se suas fases anteriores, desde o latim. Os dados analisados estão baseados em gramáticas histórias e estudos do gênero, que até então não apresentavam uma abordagem de processos evolutivos com base em teoria fonológica. Dentre todos os processos fonológicos estudados, elegeu-se apresentar aqui o processo de palatalização, por ser este o mais produtivo na evolução das consoantes da língua. Na análise, é possível identificar a sua implementação geralmente em razão da presença de um segmento vocálico palatal, marcando a característica condicionadora que possui sobre algumas consoantes, o que acontece ainda hoje no PB, mesmo que no nível da variação.

Palavras-chave: consoantes palatais, latim, processos fonológicos, Teoria Autossegmental

This paper reports an analysis of the historical development of Latin consonants which originated the palatal segments in Brazilian Portuguese. Based on assumptions of the Autossegmental Theory and the Theory of Syllable, it is possible to provide evidence of the natural evolutionary process of BP by considering its earlier stages, including Latin. The analyzed

Recibido
31/01/12
Aceptado
13/02/12

data comprise historical grammars and other studies which had not approached evolutionary processes based on any phonological theory so far. Taking into account all phonological processes under study, the process of palatalization was chosen to be developed in this study, since it is the most productive regarding the evolution of consonants in our language. In this analysis, it is possible to identify its implementation, usually due to the presence of a palatal vocalic segment, which stresses the characteristic influence it has on some consonants, a phenomenon that still happens in BP nowadays, even if it takes place in the level of variation.

Key words: palatal consonants, Latin, phonological processes, Autossegmental Theory

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um dos aspectos tratados em estudo maior, que dá conta das origens das consoantes do português do Brasil (PB), à luz de teoria fonológica[1]. O objetivo deste artigo concentra-se na descrição e análise do fenômeno da palatalização, ocorrido na evolução do sistema consonantal do latim ao PB, tendo como base a Teoria Autossegmental, considerando os traços formadores da estrutura interna dos segmentos consonantais, além da escala de sonoridade na organização dos constituintes silábicos, determinantes dos processos ocorridos na evolução da língua.

Considerando os fenômenos estruturais na evolução do latim vulgar às línguas românicas, com foco no componente fonológico dos sistemas linguísticos e, de modo particular, na constituição dos inventários fonológicos, muitos foram os segmentos que se mantiveram; outros, porém, sofreram drásticas mudanças ou simplesmente desapareceram por completo em algumas línguas. Um estudo descritivo dos fenômenos que afetam os sistemas consonantais do latim e do português brasileiro tem sua importância no sentido de caracterizar os dois sistemas e estabelecer relações entre eles, apresentando o caminho evolutivo percorrido pelos segmentos que os integram. Além disso, um estudo fundado em uma teoria fonológica é capaz de também explicar os processos sofridos pelos segmentos que constituem os dois inventários fonológicos vinculados diacronicamente, além de permitir conhecer as motivações para as mudanças linguísticas.

[1] Este artigo tem origem na dissertação desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Católica de Pelotas, intitulada Do latim ao português: um *continuum* à luz de teoria fonológica, defendida em 2011.

Por estar o foco deste trabalho nas consoantes que integram os inventários fonológicos do latim e do português, mais especificamente nos segmentos palatais, inexistentes no latim, foi escolhida a Teoria Autossegmental como base para a análise dos dados da pesquisa, adotando-se a Geometria de Traços proposta por Clements & Hume (1995) como fundamento para a discussão da estrutura interna dos segmentos, bem como as alterações que neles se verificaram na evolução do latim ao PB. Ainda, fez-se necessária uma abordagem relativa à organização silábica do português, já que muitas transformações ocorridas na evolução das línguas e também em sua sincronia são determinadas pelo contexto silábico.

Pelo processo de palatalização, a fonologia do português integra consoantes palatais, as quais não pertenciam à fonologia do latim. Os segmentos palatais /ʃ/, /ʒ/, /ɲ/, /ʎ/, na evolução da língua portuguesa, surgiram, ao que muitos estudos indicam, pela mesma motivação, ou seja, pela presença de um segmento vocálico palatal. Porém, há também casos em que o gatilho para o referido processo não se restringe à presença de um segmento vocálico palatal: a estrutura silábica, ou seja, a sequência de sonoridade na formação de um constituinte silábico (no caso, o *onset*) é que determina a mudança. É esta a proposição descrita e analisada neste artigo.

2. Fundamentação Teórica: Teoria Autossegmental E Teoria Da Sílaba

Os estudos históricos das línguas mostram-se, na maior parte das vezes, complexos, em vista de exigirem, além de um conhecimento específico da teoria utilizada para a explicitação de determinado fenômeno ou comportamento da língua, também um grande domínio dos processos evolutivos presentes na sua constituição. Assim, o pesquisador que se interessa por esse tipo de trabalho necessita ter, ao seu alcance, um grande aparato teórico, a fim de tornar clara e consistente a sua pesquisa, além de conhecer os fenômenos que ocorrem na língua e são motivadores das mudanças.

A Teoria Autossegmental, modelo pós-chomskiano, tem como objeto de estudo o segmento e sua estrutura interna, caracterizando-se por integrar o conjunto de teorias fonológicas denominadas não lineares. A Fonologia Autossegmental permite a segmentação independente

de partes dos sons das línguas, pois entende que não há uma relação "bijetiva" (de um para um) entre o segmento e o conjunto de traços que o caracteriza. Consequentemente, os traços podem estender-se além ou aquém de um segmento e o apagamento de um segmento não implica necessariamente o desaparecimento de todos os traços que o compõem.

Essa teoria passou, também, a defender que o segmento apresenta uma estrutura interna, isto é, que existe uma hierarquização entre os traços que compõem cada segmento das línguas, sendo possível apresentá-la através de um diagrama arbóreo organizado em camadas ou *tiers*. Tal estrutura permite representar o comportamento independente de cada traço, bem como seu funcionamento em conjuntos solidários. Essa estrutura interna dos segmentos permite demonstrar a naturalidade dos processos fonológicos que ocorrem nas línguas do mundo.

De acordo com os pressupostos da Fonologia Autossegmental, os segmentos deixaram de ser compreendidos como conjuntos desordenados de traços, passando a ser representados através de uma estrutura hierarquizada. Com essa concepção, é possível estabelecer a distinção entre três tipos de segmentos: segmentos simples, complexos e de contorno.Na Fonologia Autossegmental, há princípios que impõem limites à aplicação de regras. Dentre eles, destaca-se – pela relevância que tem para a análise dos dados deste trabalho – o Princípio do Contorno Obrigatório (*Obligatory Contour Principle* – OCP), segundo o qual elementos adjacentes idênticos são proibidos. Por esse princípio, as línguas evitam segmentos e traços adjacentes idênticos, bem como regras cujos *outputs* possam violá-lo. Outro princípio fundamental, que se constitui em uma condição de boa formação, é o Princípio do Não-Cruzamento de Linhas, pelo qual, em todo processo fonológico, as linhas de associação que ligam os traços não se podem cruzar.

Além da organização dos traços que compõem os segmentos, a estrutura silábica mostrou-se relevante para o processo de palatalização na história do PB.

A escala de sonoridade tem um papel importante na estrutura silábica, porque a sonoridade relativa de um segmento está relacionada com a posição que ele ocupa no interior da sílaba. Quando há sequências de elementos constituindo o ataque ou a coda, estas apresentam sonoridade crescente em direção ao núcleo. Observe-se a escala de sonoridade no quadro 1:

Plosivas	Fricativas/ r- forte	Nasais	Líq. laterais	Glides/ r-fraco	Vogais
0	1	2	3	4	5

Quadro 1: Escala de sonoridade proposta por Bonet e Mascaró (1996)

No português, podem-se identificar as seguintes condições para boa formação das sílabas na língua:

(a) Em qualquer sílaba, o elemento mais sonoro constitui o núcleo e é precedido / seguido por elementos de graus de sonoridade crescente / decrescente.

(b) É a condição de sequência de sonoridade que determina a silabação na língua (aí está a motivação de silabarem-se *pasta* (pas.ta) e *orla* (or.la), por exemplo, em português).

As línguas diferem quanto ao número e ao tipo de segmentos permitidos para cada posição da sílaba. No português brasileiro, o núcleo é constituído por uma vogal, o onset é constituído por uma ou duas consoantes e a coda é constituída por uma das seguintes consoantes: /S/; /r/; /l/; /N/. Em caso de onset complexo, o Princípio da Distância Mínima também é respeitado: deve haver a distância mínima de dois graus de sonoridades entre as duas consoantes em sequência.

Por fim, é importante mencionar a existência de regras fonológicas que fazem referência à sílaba, como é o caso da velarização do /l/, ocorrida antes de outra consoante e em final de palavra (vo[ɬ]ta, as[ɬ]) – a coda é o contexto de aplicação desta regra. Há também a regra de neutralização da sibilante antes de consoante e em final de palavra, que traz como resultado a perda de distinção de sonoridade entre /s/ e /z/, bem como das palatais correspondentes.

Os conceitos apresentados neste seção dão conta especificamente, de forma bastante resumida, do aparato teórico que guiou a presente pesquisa. Foi apresentada a Teoria Autossegmental, um modelo de análise que tem como objeto de estudo do segmento e sua estrutura interna e para tanto se utiliza da Geometria de Traços para explicitar sua constituição, além da Teoria da Sílaba, ainda que brevemente, capaz de revelar de que maneira a sílaba pode funcionar como domínio de atuação de muitos processos fonológicos ocorridos na diacronia.

3. O PROCESSO DE PALATALIZAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DO INVENTÁRIO FONOLÓGICO DO PB

Analisa-se, nesta seção, o processo de palatalização que deu origem ao surgimento dos segmentos palatais /ʃ/, /ʒ/, /ɲ/, /ʎ/na fonologia do português, derivado do sistema do latim, no qual tais consoantes não se encontravam.

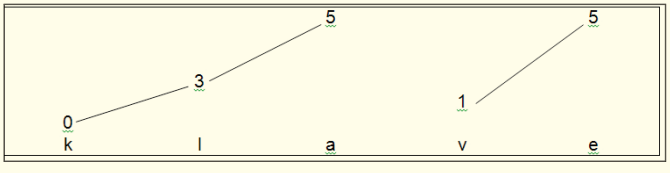
3.1. A integração do segmento palatal /ʃ/ à fonologia do PB

O segmento /ʃ/, presente no português e inexistente no latim, tem como uma de suas origens as sequências latinas /kl/, /pl/ e /fl/. A palatalização sofrida por esses elementos encontra inicialmente na estruturação da sílaba a sua motivação de ocorrência. Williams (2001:75), diz que o desenvolvimento do latim ao português teria ocorrido de acordo com o seguinte esquema:

/k,p,f/ + /l/ > /k,p,f/ + /j/ > /tʃ/ > /ʃ/ Logo, [klave] > [kjave] > [tʃave] > [ʃave]

Quadro 2: Esquema de evolução das sequências kl, pl e fl segundo Williams (2001)

Segundo Williams, nas sequências consonantais cujo segundo elemento é a líquida lateral /l/, a primeira etapa do processo concentra-se no enfraquecimento da consoante líquida, que passa a glide[2]. Considerando a escala de sonoridade na formação da estrutura silábica, esse fenômeno é perfeitamente explicável: a segunda consoante do onset complexo tem sua sonoridade aumentada, a fim de alcançar maior distância no grau de sonoridade entre C1 e C2 – comparem-se os quadros 3 e 4[3].

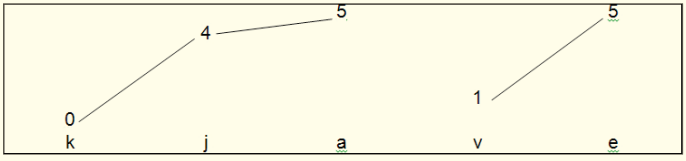


Quadro 3: Sonoridade da sequência /kl/, segundo a Escala de Sonoridade de Bonet & Mascaró (1996)

[2] O enfraquecimento de uma líquida para um glide pode ser considerado processo natural também em se considerando a estrutura interna dos segmentos: Matzenauer-Hernandorena (1996) propõe que todas as consoantes líquidas têm potencialmente, em sua estrutura interna, o nó vocálico. Ao superficializar-se o glide, o nó vocálico se atualiza, desligando-se, nesse caso, o traço de ponto ligado diretamente ao nó PC.

[3] Veja-se a escala de sonoridade apresentada no quadro 1.

No quadro 4, é possível visualizar o distanciamento de sonoridade provocado, entre os dois elementos do onset, pelo fenômeno de enfraquecimento da líquida, tornando-a um glide palatal. Segundo estudos diacrônicos, no latim, quando uma líquida se apresenta em posição seguinte a um outro segmento consonantal, o /l/ nestes casos é considerado "turvo", suscetível à vocalização – há, pois, no latim, a tendência à busca de maior distância de sonoridade entre segmentos que constituem onset complexo[4]. É o segmento palatal, de natureza vocálica, que motiva o processo de palatalização da consoante precedente.



Quadro 4: Sonoridade da sequência /kj/, segundo a Escala de Sonoridade de Bonet & Mascaró (1996)

A etapa seguinte consiste na passagem da sequência /kj/ para /ʃ/, que pode ser considerada uma assimilação – é assimilação do traço [coronal] do glide; nesse momento, passa a funcionar a estrutura interna de dois segmentos contíguos (um deles coronal), quando ocupam a mesma posição silábica (onset silábico). É importante salientar que possivelmente tenha havido uma consoante palatalizada /kʲ/, que passa para /tʲ/, por influência do traço [coronal] do segmento vocálico, para então surgir a africada palato-alveolar /tʃ/. Entende-se que as consoantes palatalizadas /kʲ/ e /tʲ/ têm a estrutura interna de segmentos complexos, com uma articulação primária consonantal (identificada pelo traço de ponto sob o nó PC) e com uma articulação secundária vocálica (identificada pelo traço de ponto sob o nó PV), como é mostrado na figura 1.

[4] Kolovrat (1923 *apud* Callou *et al*. 2002) apresenta a hipótese de /l/, diante de consoante ou em final de palavra, ser "duro" em latim, o que poderia explicar a sua vocalização nessa posição, reforçando o que ocorre quando a líquida se encontra como parte de uma sequência consonantal.

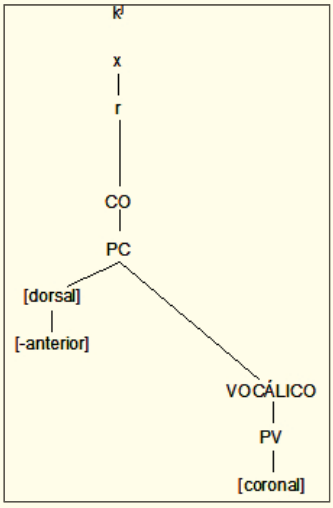


Figura 1: Geometria do segmento complexo /kʲ/

Após a implementação da consoante palatalizada /kʲ/, novamente por influência do traço [coronal] do PV da articulação secundária palatal (/kʲ/ é uma consoante dorsal palatalizada), o ponto de articulação primária do segmento passa de [dorsal] para [coronal], originando assim a consoante coronal palatalizada /tʲ/. A produção da consoante coronal africada, a partir da forma palatalizada, dá-se em razão da promoção da articulação secundária à primária, bifurcando-se a consoante em duas raízes (Clements 1989, 1995, Bisol & Hora, 1993), conforme 2 e 3.

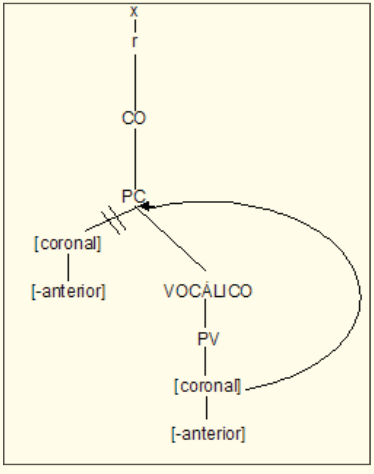


Figura 2: Promoção da articulação secundária

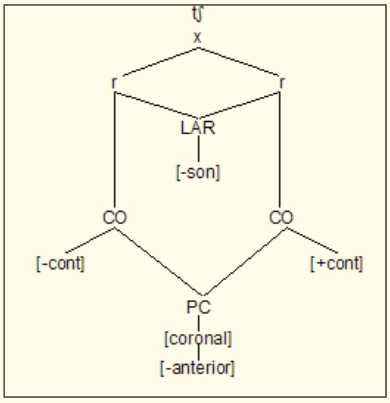


Figura 3: Geometria de traços da africada /tʃ/

Por fim, tem-se a passagem do segmento de contorno /tʃ/ para a fricativa /ʃ/. Nesse caso, a africada tem a sua borda esquerda desligada.

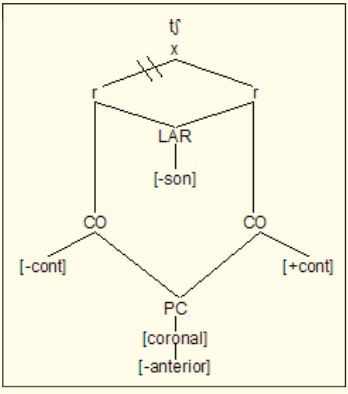


Figura 4 : Desligamento da borda esquerda do /tʃ/

Por influência do processo ocorrido em /kl/, o mesmo parece ter-se efetivado também nas sequências /pl/ e /fl/.

3.2. A integração do segmento palatal /ʒ/ à fonologia do PB

Passando à análise das origens da fricativa alvéolo-palatal /ʒ/, para Williams (2001:72-101), esse segmento surgiu basicamente a partir de três contextos, apresentados a seguir:

1º) /g/ inicial ou medial antes de /e/ ou /i/: /ge/ntem> /ʒ/ente; /gi/n/gi/uam>/ʒ/en/ʒ/iva; vi/gi/lantia>vi/ʒ/ilância; fu/gi/o> fu/ʒ/o
2º) /i/ inicial ou intervocálico: /i/urare>/ʒ/urar; cu/i/um>cu/ʒ/o
3º) /d/ seguido de /i/, precedido de vogal: ho/di/e>ho/ʒ/e; a/di/utare>a/ʒ/udar; vi/de/o>/vi/di/o>ve/ʒ/o

Quadro 5: Contextos de origem de /ʒ/

Novamente, é evidente a presença do segmento vocálico palatal como gatilho para o processo de palatalização, o que permitiu o surgimento da nova fricativa no inventário consonantal do português. Para o primeiro contexto, que terá sua análise apresentada neste artigo, levou-se em consideração o proposto por Williams (2001:72) no que se refere às mudanças ocorridas no processo evolutivo em questão. Segundo o autor, as modificações pelas quais a plosiva velar sonora seguida de vogal média ou alta anterior passou foram as apresentadas no quadro 6.

[g] > [gj] > [j] > [dʒ] > [ʒ]

Quadro 6: Evolução da sequência gj, segundo Williams (2001)

A proposta de Williams apresenta um processo que envolve, em dada fase da evolução, a perda de um segmento plosivo /g/ para tão logo este espaço ser preenchido por um segmento de mesma natureza /d/. É preciso buscar explicação na teoria para desvendar esse percurso, que se apresenta, de certa forma, dificultoso em se tratando de resultados de produção dos falantes, sendo que as línguas tendem a não percorrer um caminho que exige um cancelamento e, em seguida, a recolocação de um segmento de mesma natureza. Logo, considera-se necessária uma complementação à proposta do autor para culminar com a emergência do segmento /ʒ/, que é mostrada no quadro 7. Essa reconfiguração, que se mostra como uma nova proposta, apresenta um processo mais extenso do que aquele proposto por Williams, porém em termos de produção, torna-se um caminho mais fácil e natural para o falante.

[g + V coronal] > [g^j] > [j] > [d^j] > [dʒ] > [ʒ]

Quadro 7: Proposta de evolução da consoante velar seguida de vogal coronal

Através da representação autossegmental, é possível visualizar a configuração dos elementos envolvidos no processo de palatalização em análise:

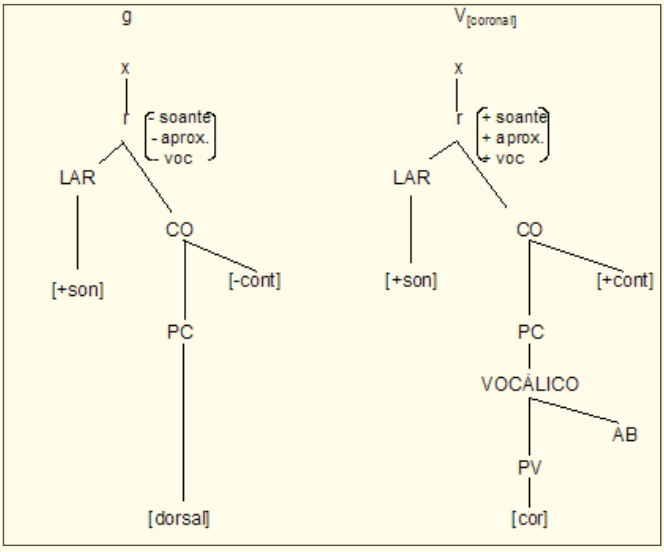


Figura 5: Sequência [g + vogal coronal]

De acordo com o proposto, no contexto apresentado na figura 5, inicia-se o processo que desencadeia uma plosiva velar palatalizada. Para a formação da consoante palatalizada, dá-se o espraiamento do nó vocálico da vogal palatal /i/ para o PC, sem desligamento de traços da consoante, o que resulta em uma plosiva velar palatalizada. O resultado é a consoante complexa /g^{j}/, contendo uma articulação primária consonantal e uma secundária vocálica, que provém do espraiamento do traço [coronal] do PV da vogal para o PC da consoante, conforme 6.

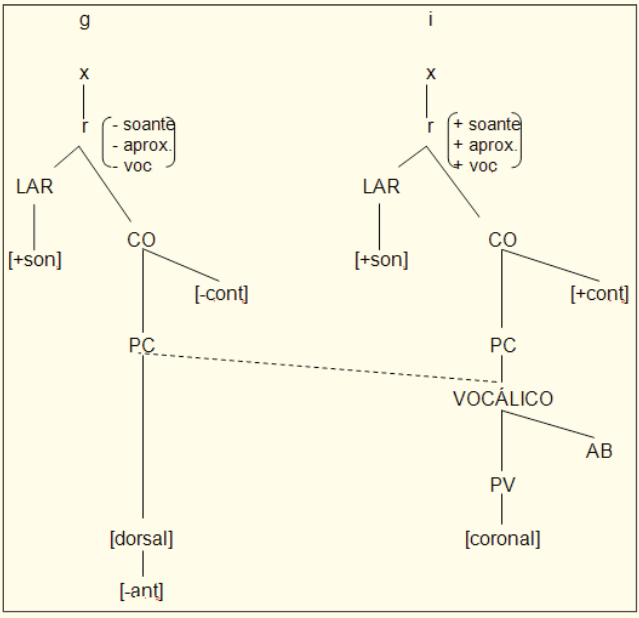


Figura 6: Espraiamento do nó Vocálico para o PC

Logo, surge uma nova configuração no contexto em análise: a consoante palatalizada /gʲ/, cuja estrutura arbórea é apresentada em 7.

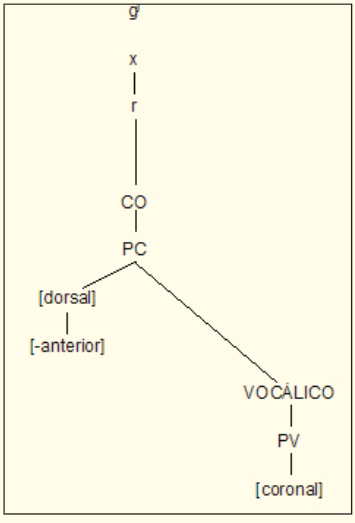


Figura 7: Geometria de traços da consoante palatalizada /gʲ/

Assim, os nós Ponto de Vogal e Vocálico acabam sendo inseridos na estrutura interna do segmento consonantal /g/. O próximo passo seria o desligamento da articulação primária da consoante palatalizada /gʲ/ – esse desligamento parece ter efeito suspensivo, uma vez que a estrutura desligada pode ser religada, em etapa subsequente da evolução do sistema. Possivelmente seja fenômeno da mesma natureza do que é observado nos segmentos soantes palatais do português /ɲ/ e /ʎ/: as variantes que tais segmentos da língua apresentam podem ser motivadas pela desassociação de um dos traços das consoantes complexas quando da sua realização pelo falante (realização como [l] ou como [j] para /ʎ/, por exemplo). Matzenauer (1999), ao tratar das variantes da lateral palatal /ʎ/, aponta para o desligamento do nó vocálico, o que levaria à realização da constrição consonantal, originando, assim, a líquida lateral /l/.

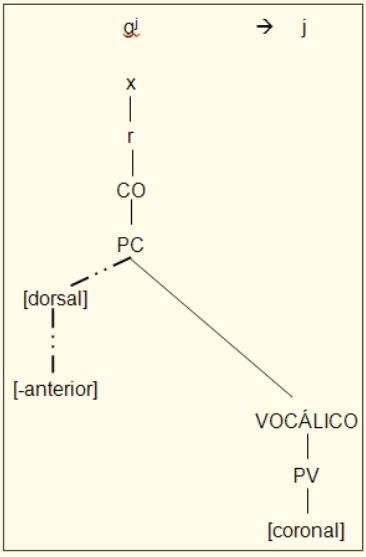


Figura 8: Suspensão do traço [dorsal] e realização da articulação secundária

No caso da consoante palatalizada /gʲ/, o traço [dorsal] da articulação primária fica desligado com efeito suspensivo, suscitando, assim, a produção apenas da articulação secundária, que caracteriza um segmento vocálico. O fato trazido para esta análise como provavelmente inovador é a possibilidade de se considerar todo apagamento como uma suspensão, o que explicaria a possibilidade de, na evolução envolvendo

a consoante palatalizada em questão, haver o desligamento de sua borda esquerda, destacando as características vocálicas presentes no segmento, e em seguida novamente voltar a se efetivar o mesmo tipo de segmento (complexo), mudando, porém, de [dorsal] para [coronal], resultando assim em uma africada sonora. Em se comparando com a de Williams, essa proposta apresenta uma etapa a mais na evolução da sequência /gj/, mas estruturalmente mostra um caminho mais natural da língua.

A supressão ocorrida na consoante palatalizada /gʲ/ atinge apenas seu traço [dorsal], ou seja, sua articulação primária, que é a consonantal. Após essa suspensão e realização apenas vocálica, a língua trata de preencher o espaço "vazio" do segmento, que guarda uma "articulação potencial", antes ocupado pelos traços consonantais. Esse preenchimento ocorre por recuperação da estrutura interna de /g/, contaminada, porém, pelo traço [coronal] do glide, e o resultado acaba fazendo surgir o segmento /dʲ/.

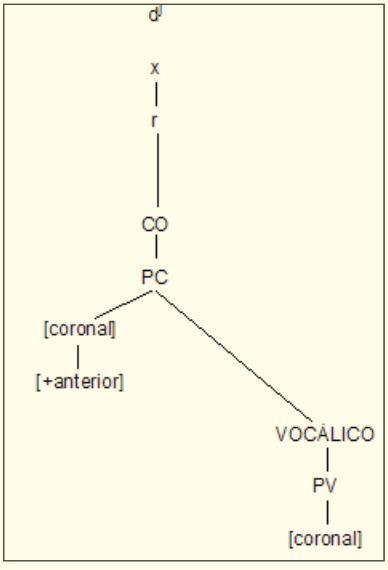


Figura 9: Consoante palatalizada /dʲ/

Dessa forma, surge novamente uma consoante palatalizada, porém agora com os traços [coronal] [+anterior], por influência da articulação secundária.

O passo seguinte da evolução em análise é a passagem da consoante palatalizada /dʲ/ para uma consoante africada /dʒ/. Para a consoante

complexa /dʲ/ passar à consoante africada /dʒ/, segundo Clements (1991) e Bisol & Hora (1993), há a promoção do traço secundário [coronal] à articulação primária e posteriormente uma cisão no segmento, cuja representação segue exatamente as mesmas estruturas mostradas nas figuras 2 e 3, respectivamente.

O segmento resultante possui sequências de diferentes valores do mesmo traço, o que permite reconhecer o chamado "efeito fonológico de borda" (Clements e Hume, 1995), ou seja, ele comporta-se em relação a uma das bordas de acordo com o valor (+) e em relação à outra borda, conforme o valor (-) de um traço; no caso analisado, isso ocorre com o traço [cont]. Logo, tem-se um segmento de contorno, confirmando que as africadas são candidatos naturais para esse tipo de segmento.

Porém, pela complexidade de produção desse segmento, houve uma simplificação em sua estrutura ocasionada pela perda do elemento plosivo, no caso o /d/, que tem toda a sua estrutura apagada. A partir desse processo, efetiva-se a realização apenas do elemento fricativo, ou seja, da borda com o traço [+contínuo], passando, assim, de segmento de contorno para segmento simples, a exemplo do que foi mostrado na figura 4: o desligamento da borda com o traço [-contínuo] dá origem a um segmento fricativo.

Com o desligamento da borda esquerda da africada, portanto, dá-se o processo de constituição da fricativa alvéolo-palatal, o que parece corroborar a ideia de que este tipo de segmento seja simples e não complexo, ou seja, que não apresente uma articulação secundária vocálica.

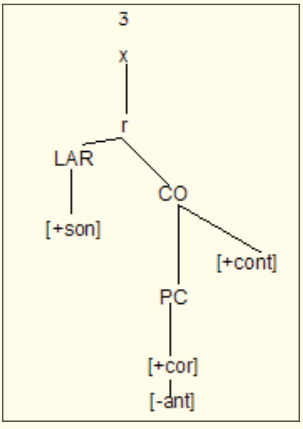


Figura 10: Resultado do apagamento da estrutura do segmento plosivo

3.3. A integração do segmento palatal /ʎ/ à fonologia do PB

Outro elemento surgido no sistema consonantal do português a partir do processo de palatalização foi a lateral palatal /ʎ/. Conforme o quadro 8, sabe-se que esse segmento tem origem na presença de uma lateral alveolar (simples ou geminada) seguida de vogais altas ou médias anteriores ou, ainda, quando a uma plosiva bilabial, velar ou alveolar surda sucede o segmento lateral alveolar, sempre em posição medial de palavra. O quadro a seguir ilustra tais contextos:

Origem do /ʎ/:
1º) /l/,/ll/_/e/,/i/ > /ʎ/ : fi/li/um > fi/ʎ/o; a/lli/um > a/ʎ/o
ou
2º) /kl/, /pl/, /gl/, /bl/, /tl/ > /ʎ/ : auri/k/u/l/a>auri/kl/a>ore/ʎ/a; scopulu > isco/pl/u > esco/ʎ/o; tegula > te/gl/a > te/ʎ/a; tribulo > tri/bl/u > tri/ʎ/o; vetula > ve/tl/a > ve/ʎ/ota

Quadro 8: Contextos de origem do /ʎ/

No primeiro caso, há dois contextos diferentes que acabam por seguir o mesmo caminho no processo. Em ambos, o gatilho para a palatalização é a presença de uma vogal palatal /i/ ou semivogal [j] (a consoante lateral pode ser simples ou geminada) ou, ainda, da vogal /e/. Quando o processo envolve a consoante geminada, há uma simplificação desse segmento e, posteriormente a esse fenômeno, ocorre a palatalização, da mesma forma como acontece com o segmento originariamente simples. A geminada /ll/ é um segmento simples em sua estrutura interna, porém compõe-se por dois tempos fonológicos ligados a um único nó de raiz, por força do OCP, que proíbe sequências de segmentos ligados a duas unidades de raiz.

Na evolução da língua, houve a perda de distinção pela quantidade, motivando, assim, a simplificação de todas as geminadas existentes. Como este segmento apresenta uma raiz ligada a dois tempos, um deles é desligado e o restante da estrutura permanece inalterada, resultando, assim, na lateral alveolar /l/.

Passando à análise do processo de palatalização sofrido pela lateral alveolar /l/, conforme o quadro 8, é necessário considerar que tal processo ocorre mais uma vez em contexto no qual a vogal /i/ ou a semivogal [j] estão presentes, servindo como gatilho da transformação. De acordo com Wetzels (1992) e Matzenauer (1999), a líquida palatal é considerada um segmento complexo, visto que sua estrutura

interna é composta por uma articulação primária consonantal e uma secundária vocálica[5].

Adotando a proposta de complexidade do segmento em sua estrutura interna, quando um segmento lateral alveolar /l/ é sucedido de por /i/ ou [j], há o espraiamento do nó Vocálico do contexto seguinte para o PC da consoante, tornando-a um segmento com duas articulações, como vê-se em 11.

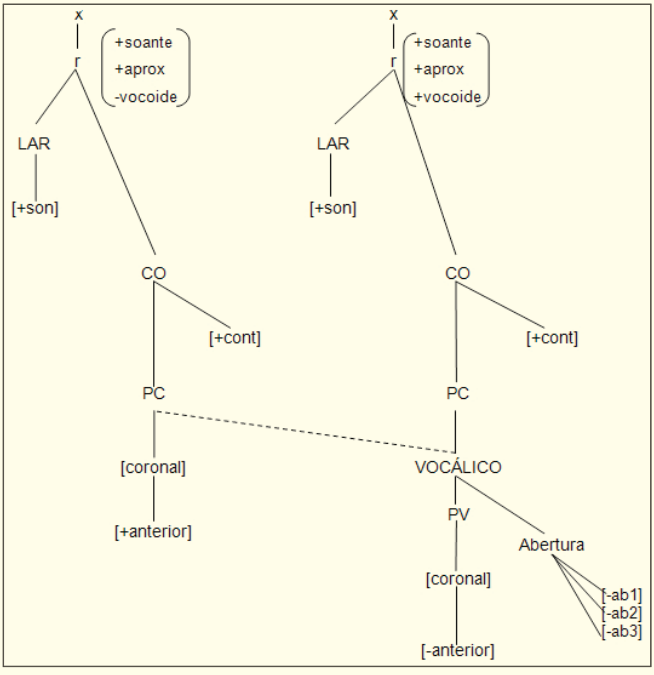


Figura 11: Espraiamento do nó Vocálico para o PC da consoante

Assim, tem-se como resultado a constituição de um segmento complexo, ou seja, um segmento com uma articulação primária consonantal e uma articulação secundárica vocálica. A estrutura da lateral palatal considerada como segmento complexo permite entender-se por

[5] Ainda, Wetzels (2000) considera essa consoante como uma geminada fonológica, interpretação fundamentada no fato de que as sílabas que precedem uma soante palatal são sempre leves e que sempre se cria hiato no caso de sequências de vogal + vogal alta que precedem /ɲ, ʎ/ como em"moinho" e "faúlha". Além disso, quando /ɲ/ e /ʎ/ estão no onset da última sílaba da palavra, o acento não pode cair na antepenúltima sílaba, como em "alcunha" (*álcunha).

que, na aquisição da fonologia do português, muitas vezes no lugar do segmento consonantal é produzido um glide [j]: é apenas o nó Vocálico dessa estrutura consonantal que se manifesta (Matzenauer, 1999; Gonçalves *et al*., 2006).

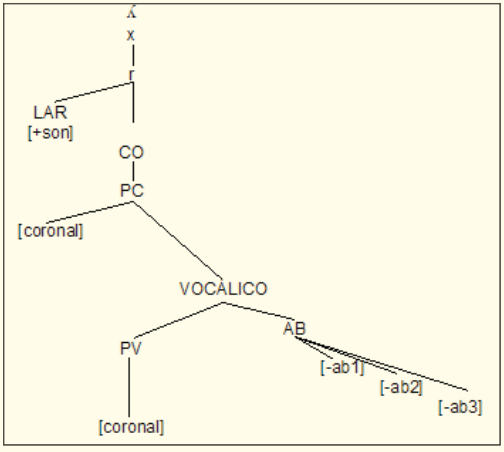


Figura 12: Líquida palatal

Para o segundo contexto apresentado no quadro 8, Teyssier (2007) propõe uma evolução que segue o caminho aqui adotado para análise. Segundo o autor, a partir da síncope da vogal /u/, há o surgimento do grupo consonantal /kl/, como se vê em palavras como *o/k/ulum > o/kl/lu, api/k/ula > api/kl/a e auri/k/ula > auri/kl/a.* O mesmo ocorre quando a vogal se encontra entre outras plosivas, como /t/, /g/, /p/ e /b/, e a lateral alveolar /l/, conforme os exemplos do quadro:

sco/p/ulu - isco/pl/u
te/g/ula - te/gl/a
tri/b/ulo - tri/bl/u
ve/t/ula - ve/tl/a

Quadro 9: Exemplos de apagamento da vogal

De acordo com Teyssier (2007), apesar da ausência de documentos linguísticos entre os anos 409 e 711, é possível identificar a linha geral de evolução da língua, que permite visualizar a transformação do latim imperial em proto-romance e o surgimento de certas fronteiras linguísticas. O autor supõe que provavelmente nessa época tenha ocorrido a evolução do grupo consonantal /kl/ e, segundo ele, após a síncope da

vogal /u/, a plosiva /k/ passa a iode, formando uma nova sequência /jl/. Possivelmente, em uma primeira etapa, a sequência presente no referido contexto tenha sido /ll/. O /k/ passaria a /l/, primeiramente, por um processo de assimilação: a lateral alveolar espraia todo o seu nó de raiz para a plosiva, formando assim um segmento idêntico, como poderá ser visto na figura 13.

Borges (1996) apresenta em seu trabalho vários casos em que na diacronia é possível considerar-se a ocorrência de assimilações totais de traços entre segmentos adjacentes, como n > l e r > l. No primeiro contexto, assim como o caso aqui analisado, a formação de uma sequência consonantal tendo como um dos segmentos a lateral /l/ ocorre a partir da queda de uma vogal interveniente.

n > l: molinariu > *molnariu > *mollairo > moleiro
r > l: per+lo > pello > pelo

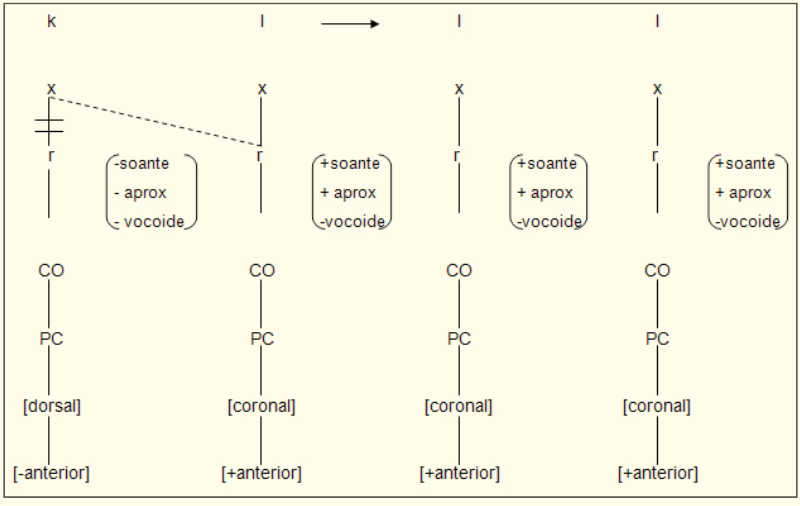


Figura 13: Processo de assimilação-espraiamento do nó de raiz do /l/

Quando a lateral alveolar /l/ espraia todo o seu nó de raiz para a plosiva, ocorre o desligamento de toda a estrutura que está imediatamente abaixo e que caracteriza o segmento /k/, mantendo-se apenas a unidade de tempo fonológico, a qual, por sua vez, se liga ao nó de raiz do segmento imediatamente adjacente /l/, formando-se então uma sequência de duas consoantes idênticas, o que seria a primeira etapa do processo que culminará em uma palatalização. Porém, sabe-se

que uma sequência desse tipo viola um princípio fundamental da Fonologia Autossegmental: o Princípio do Contorno Obrigatório, mais conhecido como OCP; por isso, como segunda etapa do processo em questão, ter-se-ia uma dissimilação. Assim, o traço de raiz [-vocoide] do primeiro /l/ passaria a [+vocoide], motivado pela necessidade de não haver violação ao OCP. Segundo Matzenauer (2005), muitas são as línguas que fazem uso do processo de dissimilação para não incorrer em uma violação ao Princípio do Contorno Obrigatório. A mudança de valor do traço [vocoide] do segmento implica a inserção de um nó Vocálico potencial em razão dos traços [+ soante] e [+aproximante] presentes na raiz, fazendo surgir a semivogal [j], que mantém o traço [coronal], porém agora imediatamente abaixo do nó ponto de vogal, e o traço [anterior], especificado agora como [-anterior], também em razão da mudança do traço [vocoide] na raiz do segmento (toda vogal é [-anterior]). O processo pode ser visualizado nas figuras a seguir.

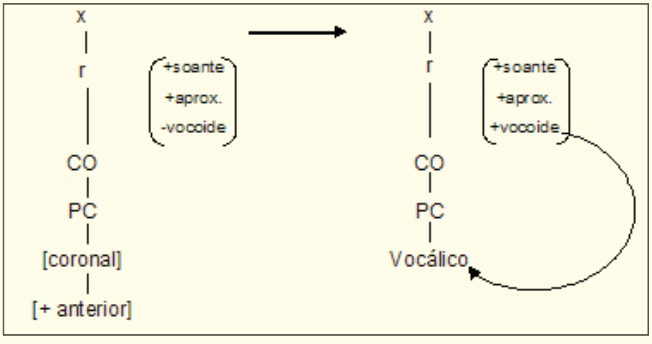


Figura 14 : Dissimilação/mudança do traço [vocoide] e atualização do nó Vocálico

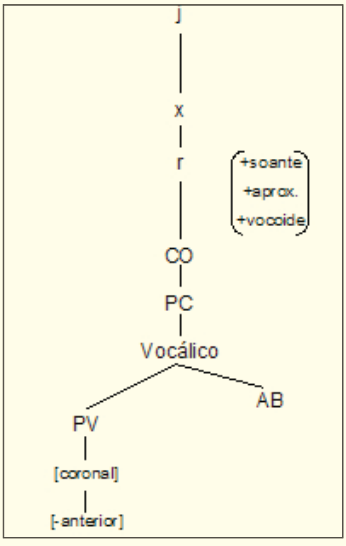


Figura 15 : Estrutura arbórea do segmento /j/[6]

Após essa segunda etapa, na qual o primeiro segmento da sequência /ll/ passa a [j], tem-se uma nova sequência: /jl/. A última etapa do processo de evolução da sequência /kl/ configura o surgimento de um novo segmento: a lateral palatal /ʎ/. O processo pode ser visualizado na figura a seguir, que mostra os segmentos constituintes da sequência /jl/, bem como o gatilho do processo: a presença da semivogal palatal [j], que espraia seu nó vocálico para a consoante lateral /l/.

[6] Entende-se que o glide coronal tem exatamente a mesma estrutura interna da vogal /i/, seguindo-se Mascaró (1989) e Bisol (1994).

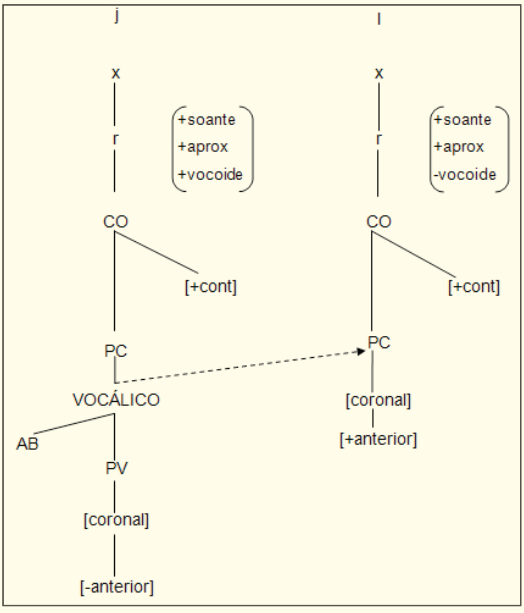


Figura 16: Espraiamento do nó vocálico de /j/ para /l/

Após o espraiamento do nó Vocálico da semivogal palatal, é desencadeada uma reorganização das estruturas envolvidas, culminando em um novo segmento, o /ʎ/, que possui em sua estrutura interna uma dupla articulação: uma consonantal e uma vocálica, conforme visto na figura 16 – desliga-se a estrutura do segmento [j] acima do nó Vocálico; esse nó Vocálico passa a ficar vinculado à estrutura da consoante lateral, dando origem à lateral palatal /ʎ/ - conforme figura 12.

3.4. A integração do segmento palatal /ɲ/ à fonologia do PB

Como último segmento provindo de um processo de palatalização, tem-se a nasal palatal /ɲ/, também inexistente no sistema consonantal latino. Os contextos favorecedores para a implementação desse novo segmento podem ser visualizados no quadro a seguir.

1º - nasal coronal alveolar seguida de semivogal palatal [nj]
2º - vogal palatal seguida de nasal coronal alveolar [in]
3º - plosiva velar sonora seguida de nasal coronal alveolar [gn]

Quadro 10: Origens da nasal palatal /ɲ/

Como pode ser visto no quadro 10, nos três contextos há a presença de uma nasal coronal alveolar e, nos dois primeiros, a presença de um segmento vocálico palatal. Conforme será apresentado no decorrer da análise, o terceiro contexto apresenta uma evolução na qual o segmento vocálico também toma parte no processo.

Em contexto intervocálico, a sequência /nj/ origina a nasal palatal /ɲ/. O processo é parecido com o ocorrido com a lateral alveolar seguida de segmento vocálico palatal. Nota-se que o /ɲ/ também é considerado um segmento complexo, como propõe Matzenauer (1994), apresentando em sua estrutura uma articulação primária consonantal e uma articulação secundária vocálica. Na figura a seguir, é possível visualizar a estrutura dos segmentos envolvidos no contexto em questão, bem como identificar o gatilho do processo de palatalização aqui apresentado.

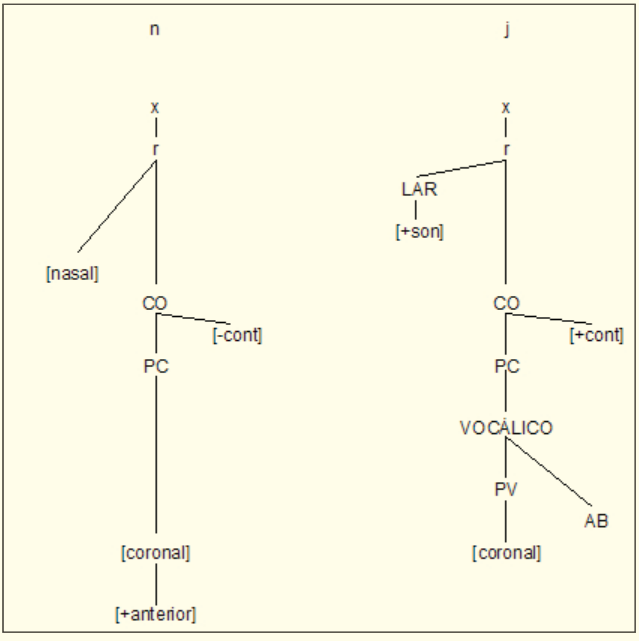


Figura 17: Geometria de traços da sequência /nj/

Novamente adotando a proposta de complexidade da estrutura interna da consoante palatal nasal, o processo de palatalização em análise dá-se a partir do espraiamento do nó Vocálico do segmento palatal para o PC da consoante nasal precedente, dando origem,

assim, a um segmento com dupla articulação: uma consonantal e outra vocálica, conforme figuras a seguir.

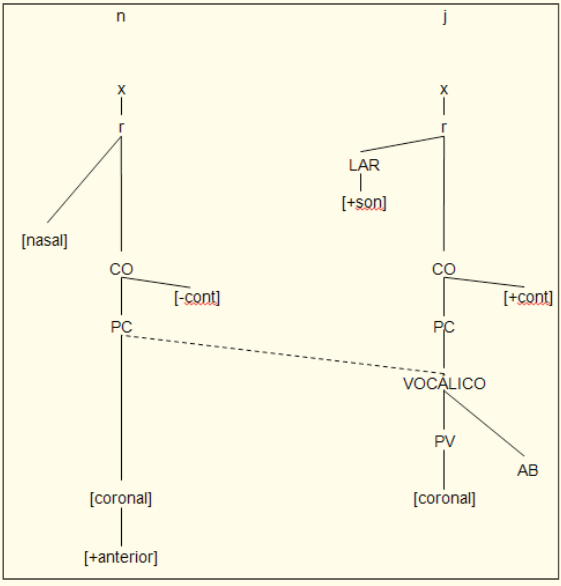


Figura 18: Espraiamento do nó Vocálico

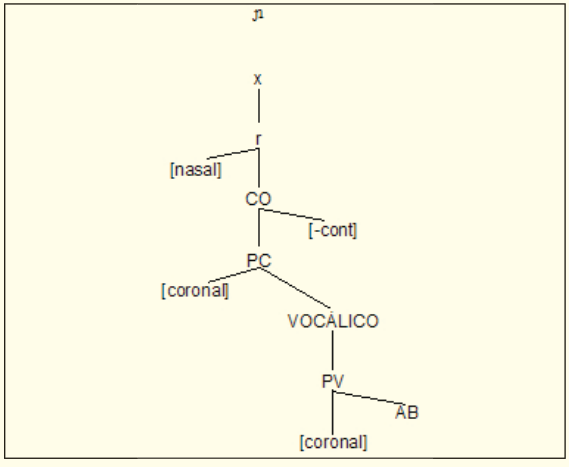


Figura 19: Geometria de traços da consoante nasal palatal

O segundo contexto apresentado como uma das origens do /ɲ/ – / in/ –assemelha-se ao que foi referido na análise da sequência /nj/,

seguindo, assim, a mesma linha no processo de palatalização, havendo apenas uma inversão na posição dos segmentos (CV – VC) – a motivação da palatalização continua sendo a presença do segmento vocálico palatal. Já a terceira origem proposta no quadro 10 apresenta a sequência /gn/ e sobre ela é importante expor algumas considerações em relação a sua evolução.

De acordo com Ilari (2008), em grupos consonantais nos quais a segunda consoante é uma dental, especificamente no período latino, os mesmos tendem a desfazer-se pela queda da primeira consoante, que pode assimilar-se à segunda, vocalizar-se ou simplesmente cair; dentre os grupos referidos por Ilari, encontra-se a sequência /gn/, o último foco de análise sobre as origens da nasal palatal /ɲ/. O autor, porém, não especifica exatamente qual caminho foi percorrido pela sequência /gn/ até o surgimento do novo segmento palatal em análise.

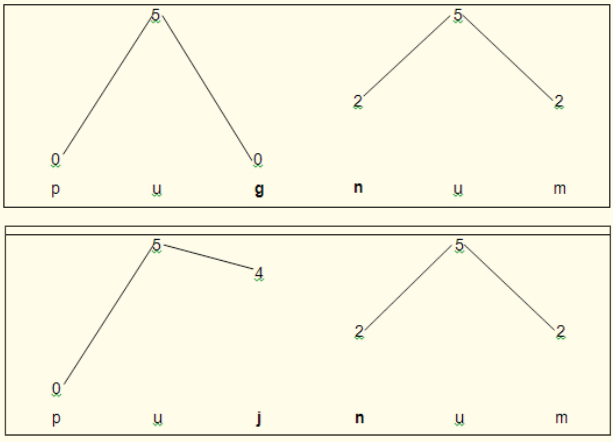
Já Williams (2001), quando trata especificamente da sequência /gn/, apresenta os seguintes estágios do processo de evolução:

[gn] > [jn] > [jñ] > [ñ]

Quadro 11: Estágios da evolução de /gn/

Assim, temos confirmada a informação referida por Ilari, de que, em grupos como /gn/, uma das possibilidades da cadeia evolutiva é a vocalização do primeiro segmento, neste caso o /g/. As etapas do processo evolutivo de /gn/, apresentadas por Williams, servirão como base para a análise aqui proposta.

O primeiro processo pelo qual a sequência /gn/ passa é a vocalização da plosiva velar /g/. Cabe, neste momento, ressaltar que a palatalização como resultado do processo evolutivo de /gn/ ocorre quando este se encontra em contexto intervocálico, o que implica que a plosiva /g/ ocupe a posição de coda de sílaba. Considerando a organização dos segmentos de acordo com a escala de sonoridade, temos a seguinte configuração para as sequências /gn/ e /jn/:



Quadro 12: Sonoridade das sequências /gn/ e /jn/, de acordo com a Escala de Sonoridade de Bonet & Mascaró (1996).

Nessa configuração, vê-se que do núcleo silábico /u/ para /g/ há uma queda brusca no valor da sonoridade (de 5 a 0). Essa diferença brusca de sonoridade sinaliza certa dificuldade de pronúncia da sequência, caracterizando-a como uma estrutura marcada, já que, conforme Clements (1990), a sílaba ideal deve mostrar uma descida leve de sonoridade do núcleo para a coda. Com a vocalização, passa a haver maior harmonia entre os elementos da rima (sonoridade de 5 a 4), facilitando, assim, a sua produção, eliminando o status de marcação identificado. Oliveira (2006) analisa alguns processos sofridos pelos ditongos existentes no latim e também apresenta casos nos quais o vocábulo latino precisou adequar-se ao molde silábico do português, bem como ao molde silábico mais harmônico, fazendo surgir, assim, "novos ditongos" a partir da vocalização das oclusivas posvocálicas, as quais passam a se comportar como semivogais.

re**g**nu > reino	conce**p**tu > conceito
fa**c**tu > *faitu > feito	a**b**sentia > ausência

Quadro 13: Vocalização das plosivas pós-vocálicas

Como é sabido, na parte decrescente de uma sílaba, ou seja, na coda, o português admite apenas os segmentos /r/, /l/, /S/ e /N/ como primeiro elemento e, caso haja uma ramificação, apenas o /S/ como segundo elemento consonantal, além das semivogais. Uma sequência

do tipo /gn/, com a plosiva na posição de coda, fere os princípios de boa formação de sílaba do português e o caminho percorrido na evolução da língua encontrou a vocalização como método de readequação ao molde silábico do português.

Assim, com essa reconfiguração de segmentos, tem-se a sequência /jn/, referida por Williams (2001), com a vocalização da plosiva em coda. A partir desse ponto, para o surgimento da nasal palatal, o processo de palatalização é desencadeado e segue os mesmos passos dos dois primeiros contextos de origem do /jn/ apresentados anteriormente.

4. Considerações finais

A fonologia diacrônica possui a capacidade de esclarecer não apenas o percurso histórico de um sistema linguístico, mas também evidenciar que variações sincrônicas consideradas meros desvios do considerado padrão na língua são, na verdade, repetições do que constantemente vem ocorrendo como etapas na evolução de um dado sistema. Além disso, uma pesquisa desse tipo permite um delineamento a respeito dos caminhos que a língua tende a seguir, tomando como base princípios gerais que guiam sua evolução.

A presença de um segmento vocálico palatal, em boa parte dos casos analisados neste artigo, marca a característica condicionadora que possui sobre algumas consoantes. Na diacronia, é perceptível essa influência sobre segmentos como /s/, /t/, /l/, /g/, por exemplo; no português atual continua sendo observada, porém mantém-se especificamente no nível da variação das plosivas /t/ e /d/.

Assim, conclui-se este trabalho ratificando a importância de estudos que tratam da evolução da língua, explicando-os e formalizando-os com a utilização de um aparato teórico. De posse de dados desse tipo, é possível que os pesquisadores inclusive consigam explicar mais claramente certas ocorrências verificadas na língua ou, então, possam projetar o curso que determinado uso pode tomar, já que muitas etapas evolutivas como aquelas aqui apresentadas tendem a repetir-se, seja no nível da variação ou no sentido de efetivar uma mudança. Ainda, espera-se que o presente estudo tenha apresentado informações suficientes para um melhor entendimento da relevância das unidades "traço distintivo" e "sílaba" para dar conta da análise diacrônica de processos fonológicos ocorridos na língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bisol, Leda e Dermeval da Hora. 1993. Palatalização da oclusiva dental e fonologia lexical, *Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*: 61-80.

Bonet, Eulàlia e Joan Mascaró. 1996. *On the representation of contrasting rhotics*. Ms.

Borges, Paulo Ricardo da Silveira. 1996. *Comparação entre o processo fonológico de assimilação encontrado na diacronia e na aquisição do português,* Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Callou, Dinah, Yonne Leite e João Moraes. 2002. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil, in M.B.M. Abaurre e C. S. Rodrigues (Orgs.), *Gramática do português falado, Vol. VIII: Novos estudos*, São Paulo, Fapesp/Editora da Unicamp: 537-555.

Câmara Júnior, Joaquim Mattoso. 1969. *Problemas de linguística descritiva*, Petrópolis, Vozes.

Clements, George. 1989a. *A unified set of features for consonants and vowels*. Ms.

Clements, George. 1989b . *On the representation of vowel height*. Ms.

Clements, George. 1990. The role of the sonority cycle in core syllabification, in J. Kingston e M. E. Beckman (Orgs.), *Papers in Laboratory Phonology I: Between the grammar and the physics of speech*, Cambridge, Cambridge University Press: 283-333.

Clements, George. 1991. Place of articulation in consonants and vowels: a unified theory, *Working papers of the Cornell Phonetics Laboratory*, nº 5: 77-123.

Clements, George e Elizabeth Hume. 1995. The internal organization in speech sounds, in J. Goldsmith (Org.), *The handbook of phonological theory,* Cambridge, Blackwell: 245-306.

Cristófaro-Silva, Thaís. 1995. *Fonética e fonologia do português*, São Paulo, Contexto.

Gonçalves, *Jael Sânera Sigales. 2006. A relação líquidas/glides na aquisição da linguagem à luz* das *teorias fonológicas*. Comunicação apresentada no *VII Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul,* Pelotas, Rio Grande do Sul, 18-20 outubro 2006.

Ilari, Rodolfo. [1992] 2008. *Linguística Românica*, São Paulo, Ática.

Matzenauer-Hernandorena, Carmen Lúcia. 1994. A geometria de traços na representação das palatais na aquisição do português, *Letras de Hoje*, Vol. 29, nº 4: 159-167.

Matzenauer-Hernandorena, Carmen Lúcia. 1996. Relações implicacionais na aquisição da fonologia, *Letras de Hoje*, Vol. 31, nº 2: 67-76.

Matzenauer, Carmen Lúcia Barreto. 1999. Aquisição da fonologia e aplicações teóricas: um estudo sobre as soantes palatais, in R.R. Lampretch (Org.), *Aquisição da Linguagem: questões e análises*, Porto Alegre, EdiPUCRS.

Matzenauer, Carmen Lúcia Barreto. 2005. Introdução à teoria fonológica, in L. Bisol (Org.), *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*, 4ª ed., Porto Alegre, EdiPUCRS.

Neuschrank, Aline. 2011. *Do latim ao português: um continuum à luz de teoria fonológica,* Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.

Oliveira, Alexandra Mouzinho de. 2006. *Inserção e apagamento [w] em posição de coda: uma análise pela Geometria de Traços*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Pinheiro, Neffer Luíza de Aguiar. 2009. *O processo de variação das palatais lateral e nasal no português de Belo Horizonte*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Teyssier, Paul. [1982] 2007. *História da língua portuguesa*, São Paulo, Martins Fontes.

Wetzels, Willem Leo. 1992. Mid vowel neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, nº 23: 19-55.

Wetzels, Willem Leo. 2000. Consoantes palatais como geminadas fonológicas no Português Brasileiro, *Revista de Estudos Linguísticos,* Vol. 9, nº 2: 5-15.

Williams, Edwin. [1961] 2001. *Do latim ao português*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.